

## **INFÂNCIA, MOMENTO PROPÍCIO PARA A CONSTRUÇÃO DA FUNÇÃO SIMBÓLICA**

ROBERTA ROCHA BORGES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS).

### **Resumo**

Atualmente, a creche constitui a primeira etapa da educação básica. Essa conquista deve-se ao fato de ser o período de zero a três anos de grande relevância para o desenvolvimento ulterior do ser humano, já que a educação escolar da criança pequena contribui, em grande parte, para a construção de seus primeiros hábitos, de sua cognição, de seus esquemas motores e de suas primeiras relações sócio-afetivas. Sendo esse momento o início da construção cognitiva do bebê e da criança pequena e fazendo parte dessa construção a comunicação com o mundo físico e social, cabe ao professor de creche conhecer a gênese da função simbólica, para que possa colaborar para o desenvolvimento dessa manifestação. Sabe-se que o bebê já utiliza instrumentos como a imitação, a linguagem e jogos para se comunicar com o mundo físico e social, mas é por volta do segundo ano de vida que a criança poderá representar o passado e antecipar o futuro, por meio da imitação, do jogo simbólico, do desenho, da linguagem e da imagem mental. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as reflexões teóricas e práticas levadas a efeito no curso de Extensão Universitária da UNICAMP – “PRORPRE: Fundamentos teóricos e prática pedagógica I”, com a finalidade de orientar o trabalho dos professores de creche na construção da função simbólica, desde os seus primórdios até a criança completar três anos. Quando há a compreensão, por parte do professor, de que a função simbólica é construída e não ensinada, ele cria um ambiente favorável onde a criança pode, nas diferentes atividades planejadas, expressar o seu pensamento de forma criativa e avançar nessa forma de manifestação.

### **Palavras-chave:**

Educação Infantil, Formação de Professores, Função Simbólica.

Atualmente, a creche constitui a primeira etapa da educação básica. Essa conquista se deve ao fato de ser o período de zero a três anos de grande relevância para o desenvolvimento ulterior do ser humano, já que a educação escolar da criança pequena contribui, em grande parte, para a construção de seus primeiros hábitos, de sua cognição, de seus esquemas motores e de suas primeiras relações sócio-afetivas.

A criança pequena passa a ter privilégios na sociedade e é vista como um pequeno cidadão que precisa ser levado a sério. A causa maior do respeito que se adquire por este pequeno ser, nos dias de hoje, consiste no fato de os neurocientistas comprovarem o que a Psicologia já afirmava no século passado, ou seja, que o processo de desenvolvimento cerebral, iniciado mesmo antes do nascimento, é bastante influenciado pelas condições ambientais, incluindo o tipo de educação, cuidado e estimulação que a criança recebe. Cada vez mais estudos "mostram que uma intervenção intensiva, oportuna e bem-planejada pode aumentar os prospectos - e a qualidade de vida - de muitas crianças tidas como em perigo de prejuízo cognitivo, sociais ou emocionais" (Shore, 2000, p.13).

Partindo dessa premissa, sobre a importância desse período inicial do desenvolvimento da criança pequena, cabe aos professores, pesquisadores, coordenadores, diretores e outros responsáveis - envolvidos nessa fase da educação infantil - organizar um trabalho eficaz para essa faixa etária; pois,

enquanto não se olhar com o devido respeito para o trabalho pedagógico da educação infantil, em especial para o da creche, muitas vezes tratado com um total desprezo, reflexos concretos desse período surgirão em outros momentos subseqüentes do processo educacional.

Avaliações recentes realizadas no âmbito da Educação Infantil, principalmente no Ensino Fundamental, apresentam resultados caóticos para a educação brasileira, revelam que a educação infantil, ainda, tem como objetivo alfabetizar a criança, prática educativa esta, da escola primária, que se vinculava à idéia da educação pré-escolar como uma etapa preparatória para o ensino fundamental. Sendo assim, "o perigo de condicionar os objetivos da educação aos compromissos formais da instrução, no seu sentido mais estreito, foi sempre eminente."(Pinazza,2005, p. 93)

Sabe-se, porém, que alfabetizar a criança não é o único objetivo da educação infantil, a qual, desse modo, se reduziria a um contexto empobrecido. O objetivo da educação infantil é muito mais amplo, é baseado no desenvolvimento infantil, em todos os seus aspectos - cognitivo, físico e psicológico. Se este trabalho fosse desenvolvido com compromisso e qualidade, muito dos problemas posteriores seriam minimizados, pois as crianças teriam construído todas as possibilidades necessárias nesse período. Como afirma Faria (2005), "Quando se tem uma concepção de criança ativa, pensante, criativa enxerga-se a criança como um ser positivo."(p.03)

Borges (2007) corrobora essa idéia com uma pesquisa realizada enquanto coordenadora e fundadora do SAIP/FE/UNICAMP, desde 1995, tematizando as dificuldades de aprendizagem de crianças provindas de escolas públicas e particulares, a qual revela, como resultado, que muitas delas apresentam dificuldades em aprender a ler e escrever, já que chegam aos oito, nove e dez anos sem o domínio do sistema escrito alfabético, embora, por um outro lado, apresentem-se como seres capazes, com o raciocínio lógico próprio de sua idade construído, ou seja, são seres pensantes que estão sendo tratados como sujeitos incapazes de aprender, com perspectivas de reprovação por parte da instituição escolar.

Hoje, na escola, não se pode desconsiderar essas características da criança, pois, como afirma Faria (2005), já se tem um grande acervo de pesquisas desvendando infâncias diferentes nas quais as crianças são "curiosas e inventivas, capazes de estabelecer múltiplas relações e levantar hipóteses de várias naturezas, derrubando por terra, portanto, as concepções de criança incompleta, incapaz, egoísta por natureza." (p.3)

Quando se tem essa premissa sobre a criança e ela é vista como um ser positivo no processo de construção da aprendizagem da leitura e da escrita, é preciso lembrar que essa tarefa não é nada fácil para a criança e nem para o professor. Necessita, por parte do professor, a compreensão de que alfabetizar está além de identificar letras e juntá-las.

Entender os conceitos atuais que estão sendo discutidos no meio acadêmico ajuda os professores, tanto da educação infantil como do ensino fundamental, a lidarem com esse processo tão importante que é a inserção da criança neste mundo cultural da leitura e da escrita.

As discussões atuais revelam que o letramento está além da alfabetização, termo que foi muito utilizado nessa área. Afinal, qual é a diferença entre alfabetização e letramento?

Segundo Mello (2005), o conceito de letramento deve remeter ao processo de inserção da criança no mundo da cultura escrita como um instrumento cultural complexo, não como sinônimo de aprendizagem de letras, sílabas ou palavras; como a compreensão da função social da escrita como um instrumento da cultura que permite a comunicação e o registro da expressão e do conhecimento; o que vai além de uma simples técnica.

Brito (2005) traz uma outra idéia muito interessante diferenciando letramento de alfabetização:

Não pertencer à cultura escrita, numa sociedade que se impõe por ela, é ficar expulso das formas do espaço real de existência e de legitimidade. Mas apenas se submeter a sua lógica é uma forma perversa de alienação. Não há nada de errado em alfabetizar as crianças. É justo que elas sejam alfabetizadas, dentro de propostas pedagógicas consistentes e organizadas. Mas é preciso ter claro que alfabetizar não é formar no domínio de uma técnica, mas sim pôr a pessoa no mundo da escrita, de modo que ela possa transmitir pelos discursos da escrita, ter condições de operar criticamente com os modos de pensar e produzir da cultura escrita. (Britto, 2005)

Esse autor relata que inserir a criança na cultura escrita é necessário e que, para que isso ocorra, é preciso que ela esteja alfabetizada. Borges (2007) descreve que muitas crianças avaliadas no SAIP/ UNICAMP provindas de escolas particulares e que, portanto, têm famílias leitoras, ainda assim apresentam dificuldade de leitura e escrita. O problema é que muitas vezes o professor do segundo ano do Ensino Fundamental I, com temor de utilizar métodos tradicionais para alfabetizar, restringe esse trabalho a novas técnicas empobrecidas que não funcionam. E quando isso se perpetua por todo esse segmento do Ensino Fundamental I, as crianças passam a ser excluídas da cultura da leitura e escrita e, pior, do sistema educacional.

Cabe lembrar que cada período do desenvolvimento da criança tem construções importantes a serem feitas - a escola de Educação Infantil e a do Ensino Fundamental têm um trabalho próprio, insubstituível, atualmente acrescido, na Educação Infantil, com o trabalho da creche que atende, em especial, o bebê e a criança de zero a três anos. O letramento, nessa fase, também deve ser trabalhado, pois se isso não for feito, pode trazer algumas conseqüências imensuráveis para o desenvolvimento futuro da criança. No entanto, é necessário entender que "ninguém está falando em alfabetizar bebê de um ano de idade"(Farias, 2005, p.121).

Diante desse quadro geral, poderíamos então perguntar: qual é o papel da creche no desenvolvimento do ser humano, principalmente para a construção da função simbólica?

A creche é a instituição responsável por atender o bebê e a criança até três anos, e tem como finalidade um trabalho orientado para o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo. Quando esse objetivo prevalece, o professor deixa de ser aquele que ensina e transmite o conhecimento e passa a ser aquele que organiza um ambiente propício para o desenvolvimento saudável da criança pequena e observa as suas ações. Um ambiente onde o professor possa deixar a criança agir espontaneamente para construir os seus esquemas, a sua inteligência, a sua personalidade, a sua independência, os seus valores e a sua auto-estima.

Não se deve reduzir o trabalho desse segmento a preencher desenhos coloridos e estereotipados e a ensinar letras. A criança pode desenhar livremente, imitar, balbuciar sons, agir, escutar e contar histórias, ver livros próprios para a sua idade; enfim, é criar um ambiente propício para o desenvolvimento sadio da criança, dando-lhe a oportunidade de construir a função simbólica nesse período.

Uma professora certa vez questionava: - Eu não consigo enxergar! Como a organização do ambiente físico da creche interfere na construção inicial desse processo de letramento?

É que nesse período do desenvolvimento, a criança está construindo o início da função simbólica, que consiste na capacidade que ela tem de representar as suas ações e, posteriormente, o seu pensamento. E essa construção não se resume a ler e escrever, mas também envolve outras ações, como: imitar, balbuciar, falar, mostrar, rabiscar, desenhar, jogar, enfim, como cita Malaguzzi (1999), "a criança tem cem linguagens".

Rizzoli (2005) afirma que somente "adultos competentes e preparados, como são as professoras de creche e de pré-escola, podem criar essa riqueza, provocam esse convívio com a leitura e criam nas crianças o amor à leitura e a afeição aos livros."(p.10)

Um exemplo prático e bastante esclarecedor, da autora Rizzoli (2005), traz uma compreensão melhor do papel da creche na construção da função simbólica :

Quando falo de leitura aqui, falo de uma proposta para crianças de 6 meses a 6 anos, ou mesmo de 0 a 6 anos, falo da leitura sem letras, com livros que as crianças podem tocar. É o que chamamos de objetos livros. O contato que um bebê tem com o livro é oral e o livro deve ser preparado pensando isso. Assim, classificarmos os livros dentro das creches em livros de pegar, de escutar e de olhar.

Esse canto preparado para a leitura tem que ser muito confortável, porque as crianças não ficam sentadas nessa idade. Elas engatinham, sentam-se no chão, deitam e rolam no piso. Por isso, um lugar macio, bem aconchegante, com paredes macias, revestidas de almofadas ou colchonetes forma o espaço adequado. As crianças tocam todo o espaço, então há várias texturas esperando o toque na mão nesse canto em que tudo deve ser provocador da leitura. (p.17Rizzoli, 2005)

Enfim, vislumbrar que todas as ações da criança possibilitam a ela essas construções, projetar um ambiente físico que dê a ela a oportunidade de, enquanto brinca, verbalizar sua ação, aquilo que fez ou, ainda, deixá-la escutar diferentes músicas, cantar para ela, planejar um espaço no qual ela possa ver livros próprios para sua idade; proporcionar atividades para rabiscar, pintar, dentre outras.

Lembrar que este professor capaz da educação infantil e, principalmente da creche, deve estar sempre atento e observar tudo aquilo que o bebê está fazendo, para intervir a favor desse desenvolvimento. Borges (2009) apresenta, em seu trabalho de doutorado, a organização de ambientes de creche dos Municípios de Barcelona (Espanha), de Reggio Emília (Itália), na cidade de Braga (Portugal) e de Itapira (Est.de São Paulo), na escola de Educação Infantil Interativinha, espaços pedagógicos onde se favorece a construção da função simbólica e que podem dar uma idéia mais clara aos profissionais da área.

## **Bibliografia**

BORGES, R.R. Modelos curriculares. In: **Curso de Extensão Universitária PROEPRE: Contribuição para a formação de Professores de Creche**. Tese de doutorado. Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2009.

BORGES, R.R. e MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. **Avaliação cognitiva: contribuições para um melhor desempenho escolar**. Aprender (Vitória da Conquista)v. 1, p. 219, 245. 2007.

BRITTO, L.P.L. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

FARIA, A. L. G. Sons sem palavras e grafismo sem letras: linguagens, leituras e pedagogia na educação infantil. In: **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

MALAGUZZI, L. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayne Batista . Porto Alegre : Artes Médicas, 1999.

MELLO, S. A. O processo de aquisição da escrita na educação infantil. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

PINAZZA, M. A.Os pensamentos de Pestalozzi e Froebel nos primórdios da pré-escola oficial paulista: das inspirações originais não-escolarizantes à concretização de práticas escolarizantes. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

RIZZOLI, M. C. Leitura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

SHORE, R. **Repensando o Cérebro: Novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro**. Trad. Iara Regina Brazil. Ed. Mercado Aberto.2000

## **Infância, momento propício para a construção da função simbólica**

Profa. Dra. Roberta Rocha Borges  
Pedagoga/FE/DEPE/LPG/UNICAMP

Atualmente, a creche constitui a primeira etapa da educação básica. Essa conquista se deve ao fato de ser o período de zero a três anos de grande relevância para o desenvolvimento ulterior do ser humano, já que a educação escolar da criança pequena contribui, em grande parte, para a construção de seus primeiros hábitos, de sua cognição, de seus esquemas motores e de suas primeiras relações sócio-afetivas.

A criança pequena passa a ter privilégios na sociedade e é vista como um pequeno cidadão que precisa ser levado a sério. A causa maior do respeito que se adquire por este pequeno ser, nos dias de hoje, consiste no fato de os neurocientistas comprovarem o que a Psicologia já afirmava no século passado, ou seja, que o processo de desenvolvimento cerebral, iniciado mesmo antes do nascimento, é bastante influenciado pelas condições ambientais, incluindo o tipo de educação, cuidado e estimulação que a criança recebe. Cada vez mais estudos “mostram que uma intervenção intensiva, oportuna e bem-planejada pode aumentar os prospectos – e a qualidade de vida – de muitas crianças tidas como em perigo de prejuízo cognitivo, sociais ou emocionais” (Shore, 2000, p.13).

Partindo dessa premissa, sobre a importância desse período inicial do desenvolvimento da criança pequena, cabe aos professores, pesquisadores, coordenadores, diretores e outros responsáveis - envolvidos nessa fase da educação infantil - organizar um trabalho eficaz para essa faixa etária; pois, enquanto não se olhar com o devido respeito para o trabalho pedagógico da educação infantil, em especial para o da creche, muitas vezes tratado com um total desprezo, reflexos concretos desse período surgirão em outros momentos subsequentes do processo educacional.

Avaliações recentes realizadas no âmbito da Educação Infantil, principalmente no Ensino Fundamental, apresentam resultados caóticos para a educação brasileira, revelam que a educação infantil, ainda, tem como objetivo alfabetizar a criança, prática educativa esta, da escola primária, que se vinculava à idéia da educação pré-escolar como uma etapa preparatória para o ensino fundamental. Sendo assim, “o perigo de condicionar os objetivos da educação aos compromissos formais da instrução, no seu sentido mais estreito, foi sempre eminente.”(Pinazza,2005, p. 93)

Sabe-se, porém, que alfabetizar a criança não é o único objetivo da educação infantil, a qual, desse modo, se reduziria a um contexto empobrecido. O objetivo da educação infantil é muito mais amplo, é baseado no desenvolvimento infantil, em todos os seus aspectos - cognitivo, físico e psicológico. Se este trabalho fosse desenvolvido com compromisso e qualidade, muitos dos problemas posteriores seriam minimizados, pois as crianças teriam construído todas as possibilidades necessárias nesse período. Como afirma Faria (2005), “Quando se tem uma concepção de criança ativa, pensante, criativa enxerga-se a criança como um ser positivo.”(p.03)

Borges (2007) corrobora essa idéia com uma pesquisa realizada enquanto coordenadora e fundadora do SAIP/FE/UNICAMP, desde 1995, tematizando as dificuldades de aprendizagem de crianças provindas de escolas públicas e particulares, a qual revela, como resultado, que muitas delas apresentam dificuldades em aprender a ler e escrever, já que chegam aos oito, nove e dez anos sem o domínio do sistema escrito alfabético, embora, por um outro lado, apresentem-se como seres capazes, com o raciocínio lógico próprio de sua idade construído, ou seja, são seres pensantes que estão sendo tratados como sujeitos incapazes de aprender, com perspectivas de reprovação por parte da instituição escolar.

Hoje, na escola, não se pode desconsiderar essas características da criança, pois, como afirma Faria (2005), já se tem um grande acervo de pesquisas desvendando infâncias diferentes nas quais as crianças são “curiosas e inventivas, capazes de estabelecer múltiplas relações e levantar hipóteses de várias naturezas, derrubando por terra, portanto, as concepções de criança incompleta, incapaz, egoísta por natureza.” (p.3)

Quando se tem essa premissa sobre a criança e ela é vista como um ser positivo no processo de construção da aprendizagem da leitura e da escrita, é preciso lembrar que essa tarefa não é nada fácil para a criança e nem para o professor. Necessita, por parte do professor, a compreensão de que alfabetizar está além de identificar letras e juntá-las.

Entender os conceitos atuais que estão sendo discutidos no meio acadêmico ajuda os professores, tanto da educação infantil como do ensino fundamental, a lidarem com esse processo tão importante que é a inserção da criança neste mundo cultural da leitura e da escrita.

As discussões atuais revelam que o letramento está além da alfabetização, termo que foi muito utilizado nessa área. Afinal, qual é a diferença entre alfabetização e letramento?

Segundo Mello (2005), o conceito de letramento deve remeter ao processo de inserção da criança no mundo da cultura escrita como um instrumento cultural complexo, não como sinônimo de aprendizagem de letras, sílabas ou palavras; como a compreensão da função social da escrita como um instrumento da cultura que permite a comunicação e o registro da expressão e do conhecimento; o que vai além de uma simples técnica.

Brito (2005) traz uma outra idéia muito interessante diferenciando letramento de alfabetização:

Não pertencer à cultura escrita, numa sociedade que se impõe por ela, é ficar expulso das formas do espaço real de existência e de legitimidade. Mas apenas se submeter a sua lógica é uma forma perversa de alienação. Não há nada de errado em alfabetizar as crianças. É justo que elas sejam alfabetizadas, dentro de propostas pedagógicas consistentes e organizadas. Mas é preciso ter claro que alfabetizar não é formar no domínio de uma técnica, mas sim pôr a pessoa no mundo da escrita, de modo que ela possa transmitir pelos discursos da escrita, ter condições de operar criticamente com os modos de pensar e produzir da cultura escrita. (Britto, 2005)

Esse autor relata que inserir a criança na cultura escrita é necessário e que, para que isso ocorra, é preciso que ela esteja alfabetizada. Borges (2007) descreve que muitas crianças avaliadas no SAIP/ UNICAMP provindas de escolas particulares e que, portanto,

têm famílias leitoras, ainda assim apresentam dificuldade de leitura e escrita. O problema é que muitas vezes o professor do segundo ano do Ensino Fundamental I, com temor de utilizar métodos tradicionais para alfabetizar, restringe esse trabalho a novas técnicas empobrecidas que não funcionam. E quando isso se perpetua por todo esse segmento do Ensino Fundamental I, as crianças passam a ser excluídas da cultura da leitura e escrita e, pior, do sistema educacional.

Cabe lembrar que cada período do desenvolvimento da criança tem construções importantes a serem feitas - a escola de Educação Infantil e a do Ensino Fundamental têm um trabalho próprio, insubstituível, atualmente acrescido, na Educação Infantil, com o trabalho da creche que atende, em especial, o bebê e a criança de zero a três anos. O letramento, nessa fase, também deve ser trabalhado, pois se isso não for feito, pode trazer algumas conseqüências imensuráveis para o desenvolvimento futuro da criança. No entanto, é necessário entender que “ninguém está falando em alfabetizar bebê de um ano de idade”(Farias, 2005, p.121).

Diante desse quadro geral, poderíamos então perguntar: qual é o papel da creche no desenvolvimento do ser humano, principalmente para a construção da função simbólica?

A creche é a instituição responsável por atender o bebê e a criança até três anos, e tem como finalidade um trabalho orientado para o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo. Quando esse objetivo prevalece, o professor deixa de ser aquele que ensina e transmite o conhecimento e passa a ser aquele que organiza um ambiente propício para o desenvolvimento saudável da criança pequena e observa as suas ações. Um ambiente onde o professor possa deixar a criança agir espontaneamente para construir os seus esquemas, a sua inteligência, a sua personalidade, a sua independência, os seus valores e a sua auto-estima.

Não se deve reduzir o trabalho desse segmento a preencher desenhos coloridos e estereotipados e a ensinar letras. A criança pode desenhar livremente, imitar, balbuciar sons, agir, escutar e contar histórias, ver livros próprios para a sua idade; enfim, é criar um ambiente propício para o desenvolvimento sadio da criança, dando-lhe a oportunidade de construir a função simbólica nesse período.

Uma professora certa vez questionava: - Eu não consigo enxergar! Como a organização do ambiente físico da creche interfere na construção inicial desse processo de letramento?

É que nesse período do desenvolvimento, a criança está construindo o início da função simbólica, que consiste na capacidade que ela tem de representar as suas ações e, posteriormente, o seu pensamento. E essa construção não se resume a ler e escrever, mas também envolve outras ações, como: imitar, balbuciar, falar, mostrar, rabiscar, desenhar, jogar, enfim, como cita Malaguzzi (1999), “a criança tem cem linguagens”.

Rizzoli (2005) afirma que somente “adultos competentes e preparados, como são as professoras de creche e de pré-escola, podem criar essa riqueza, provocam esse convívio com a leitura e criam nas crianças o amor à leitura e a afeição aos livros.”(p.10)

Um exemplo prático e bastante esclarecedor, da autora Rizzoli (2005), traz uma compreensão melhor do papel da creche na construção da função simbólica :

Quando falo de leitura aqui, falo de uma proposta para crianças de 6 meses a 6 anos, ou mesmo de 0 a 6 anos, falo da leitura sem letras, com livros que as crianças podem tocar. È o que chamamos

de objetos livros. O contato que um bebê tem com o livro é oral e o livro deve ser preparado pensando nisso. Assim, classificarmos os livros dentro das creches em livros de pegar, de escutar e de olhar. Esse canto preparado para a leitura tem que ser muito confortável, porque as crianças não ficam sentadas nessa idade. Elas engatinham, sentam-se no chão, deitam e rolam no piso. Por isso, um lugar macio, bem aconchegante, com paredes macias, revestidas de almofadas ou colchonetes forma o espaço adequado. As crianças tocam todo o espaço, então há várias texturas esperando o toque na mão nesse canto em que tudo deve ser provocador da leitura. (p.17Rizzoli, 2005)

Enfim, vislumbrar que todas as ações da criança possibilitam a ela essas construções, projetar um ambiente físico que dê a ela a oportunidade de, enquanto brinca, verbalizar sua ação, aquilo que fez ou, ainda, deixá-la escutar diferentes músicas, cantar para ela, planejar um espaço no qual ela possa ver livros próprios para sua idade; proporcionar atividades para rabiscar, pintar, dentre outras.

Lembrar que este professor capaz da educação infantil e, principalmente da creche, deve estar sempre atento e observar tudo aquilo que o bebê está fazendo, para intervir a favor desse desenvolvimento. Borges (2009) apresenta, em seu trabalho de doutorado, a organização de ambientes de creche dos Municípios de Barcelona (Espanha), de Reggio Emília (Itália), na cidade de Braga (Portugal) e de Itapira (Est.de São Paulo), na escola de Educação Infantil Interativinha, espaços pedagógicos onde se favorece a construção da função simbólica e que podem dar uma idéia mais clara aos profissionais da área.

## **Bibliografia**

BORGES, R.R. Modelos curriculares. In: **Curso de Extensão Universitária PROEPRE: Contribuição para a formação de Professores de Creche**. Tese de doutorado. Campinas, SP, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2009.

BORGES, R.R. e MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. **Avaliação cognitiva: contribuições para um melhor desempenho escolar**. Aprender (Vitória da Conquista)v. 1, p. 219, 245. 2007.

BRITTO, L.P.L. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

FARIA, A. L. G. Sons sem palavras e grafismo sem letras: linguagens, leituras e pedagogia na educação infantil. In: **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

MALAGUZZI, L. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayne Batista . Porto Alegre : Artes Médicas, 1999.

MELLO, S. A. O processo de aquisição da escrita na educação infantil. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

PINAZZA, M. A. Os pensamentos de Pestalozzi e Froebel nos primórdios da pré-escola oficial paulista: das inspirações originais não-escolarizantes à concretização de práticas escolarizantes. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

RIZZOLI, M. C. Leitura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. In: **Linguagens Infantis outras formas de linguagem**. Org. Ana Lúcia Goulart de Farias e Sueli Amaral Melo. Autores Associados, 2005.

SHORE, R. **Repensando o Cérebro: Novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro**. Trad. Iara Regina Brazil. Ed. Mercado Aberto. 2000